

Recordando Irmã Catherine  
(Don Giuseppe Vallauri FDP)

Um subtítulo para isto poderia ser "A primeira superiora dos Orionitas no Quênia". Eis porque. Retornamos em meados dos anos 80, para Buntingford, Inglaterra, uma cidade na estrada nacional A 10 que leva de Londres a Cambridge. Lá, a Congregação havia comprado em 1975 um antigo convento para abrigar as meninas mais velhas portadoras de deficiência de nossa Colombo House em Londres. Cerca de quinze. A jovem Catherine de Wigan, perto de Liverpool, entrou para fazer parte da equipe de funcionários. Era proveniente de uma boa família católica e talvez ela já conhecia algo sobre os orionitas que há alguns anos abriram uma obra na vizinha UpHolland. Em Buntingford, de 1978 a paróquia também nos foi confiada, e eu fui seu pároco, daquele ano até 1989. Assim nos conhecemos. Catherine era uma menina, boa, jovial, sempre positiva, brilhante, diríamos hoje, mas com os pés no chão: sua presença irradiava paz, serenidade e compromisso. Compromisso, trabalho, generosidade, espírito de sacrifício, outras características que marcaram sua vida.

Por isso, não fiquei surpreso quando, um dia, Dom Paolo Bidone, responsável da obra, que visitava Londres pelo menos uma vez por mês, me confidenciou. "Você sabe, Catherine gostaria de entrar entre as nossas irmãs." Não fiquei surpreso porque a vi com jeito de religiosa, mas fiquei surpreso com a escolha: como ela poderia saber das PIMC? Havia muitos institutos de irmãs na Inglaterra, inclusive os de prestígio, especialmente dedicados ao ensino. A única irmã orionina inglesa era a irmã Dolores, que sempre esteve na Itália: morreu em 1993. Catherine partiu para a Itália, aprendeu italiano, fez seu segundo ano de noviciado em Santa Maria la Longa.

Alguns anos depois, em 1992, nos encontramos novamente no Quênia. Em meados de Novembro daquele ano, respondendo ao pedido das PIMC, como o padre Malcolm Dyer havia feito anteriormente, deixei Dublin e parei primeiro em Bruxelas e depois em Entebbe, finalmente cheguei a Nairóbi: no aeroporto para me receber estavam a irmã Catherine e uma aspirante americana, a futura irmã Carol. A irmã Catherine era encarregada da formação de jovens aspirantes e postulantes no Quênia. Fiquei um mês inteiro como ospede das irmãs, oferecendo retiros espirituais, conferências e outras atividades pastorais. Também conheci alguns jovens da região de Igoji, onde as irmãs administravam um pequeno hospital e seis dispensários, incentivados pela irmã Leonarda, queriam se juntar a nós. Depois disso, as viagens se multiplicaram, tanto para mim quanto para o padre Malcolm, às vezes até duas por ano, durante pelo menos três ou quatro semanas de cada vez. Sempre a irmã Catherine e também as outras irmãs estavam à nossa disposição, nos hospedando, providenciando as viagens e fornecendo as informações necessárias.

Durante o Congresso Missionário de 1993 em Montebello, foi decidido pedir hospitalidade aos confrades da Costa do Marfim para dar aos jovens quenianos alguma experiência orionina. Enquanto isso, Ir. Catherine também nos ajudou a encontrar um terreno à venda onde poderíamos construir nossa residência.

Não obstante, tornou-se urgente a formação dos aspirantes no Quênia e, após visitas a várias instituições religiosas, foi decidido pedir hospitalidade no seminário da diocese de Meru, localizada em Nairóbi, que parecia mais adequado. Pedimos à irmã Catherine que cuidasse dos aspirantes: ela aceitou com entusiasmo, apesar dos já muitos compromissos. Isso significava visitá-los todas as semanas, cuidar de suas necessidades e também ouvir as suas reclamações. Uma viagem de alguns quilômetros pela metrópole, mas que demorava muito tempo, em um trânsito frequentemente caótico. Foi assim que a irmã Catherine foi a primeira superiora dos orionitas.

Já se sentia a necessidade de abrir uma comunidade também no Quênia.

Então, em 1996, fiquei lá por dois meses procurando uma casa, talvez para alugar temporariamente e estudar um pouco o kiswahili. Quantas viagens fiz com a irmã Catherine,

vendo várias casas em Nairóbi, mas sem conseguir encontrar uma adequada. Finalmente, junto com Don Oreste Ferrari, que veio para fazer um pouco de formação aos nossos "aspirantes" durante as férias, ele encontrou a casa de Langata, uma casa particular, à venda, mas grande o suficiente para acomodar cerca de 10 pessoas. Voltei ao Quênia no final de Setembro e, na Vigília do Natal, entrei em posse da casa e imediatamente depois vieram os seis primeiros aspirantes, incluindo os futuros Padres Peter Wambulwa e Raphael Kailemiah.

A partir desse dia, os contatos, a colaboração e a ajuda mútua continuaram, ou melhor, aumentaram. Quantos episódios vêm à mente. A última vez que nos encontrámos foi em Maio de 2018, em Tortona, na Casa Madre, onde ela estava há algum tempo, em tratamento pelo o mal que, juntamente com o vírus, a levou embora. Passamos duas horas lembrando os "bons tempos" de Buntingford e, principalmente, do Quênia e as diferentes aventuras que partilhámos. Um: um dia, cinco de nós fomos com o velho Peugeot das irmãs, de Nairobi a Igoji, nós dois e três noviças. Nos arredores da cidade veio o primeiro problema: os estudantes da Universidade Kenyatta estavam de novo na estrada, bloqueando-a, em protesto. Tivemos que passar por estradas rurais, onde as pessoas pareciam muito hostis, devido ao tráfego inesperado. Depois outras desventuras. Passámos Embu e a primeira roda furou; encontrámos um mecânico e a roda foi trocada. Pouco antes de Runienje, a segunda; chegámos na cidade e outro mecânico o providenciou. Depois de alguns quilômetros, um terceiro furo: pela terceira vez eu me ajoelhei no chão, a batina branca agora manchada de pó vermelho e mudo a roda. Pensando que tudo estava havia passado, continuámos sem a roda sobressalente. Até agora, com atrasos e paradas inesperadas, as horas passaram; eram seis horas da tarde e, estando no equador, a noite está chegando rapidamente. Mas eis que numa pequena vila ainda um furo: era necessário se render e parar novamente. Não se encontrava um mecânico naquela vila. Decidimos dividir-nos em dois grupos: a irmã Catherine e uma noviça iam à garagem mais próxima com as duas rodas; as outras duas noviças e eu ficámos no carro. Estava quase escuro: algumas lojas distantes tinham luz e ainda havia muita gente por perto. Um homem idoso passou e, dada a situação, entendeu imediatamente o que havia acontecido: ele foi e disse. Padre, não tenha medo: aqui somos muitos cristãos. Eu agradei a ele. No entanto, ele parou a uma curta distância. Providencialmente, o primeiro veículo que Ir. Catherine viu passando parou: havia um religioso do Cotolengo, que também estava indo para Meru. Carregaram as rodas e voltaram depois de uma hora. Antes de sair, aproximei-me do homem idoso que esteve conosco de guarda, oferecendo-lhe algum dinheiro. Ele recusou. Chegámos em Igoji várias horas de atraso. As irmãs preocupadíssimas, nos acolheram com alegria.

Querida Ir. Catherine, alcançaste o objetivo de tua curta vida. Quando disseste sim ao Senhor, entregaste de corpo e alma ao chamado, sem nunca olhar para trás. Onde quer que a obediência te levasse, estavas em casa e em tua terra natal, mesmo que, obviamente, amavas a tua Inglaterra. Infundias serenidade, generosidade e caridade onde quer que estivesses. Nunca uma queixa, nem uma palavra menos do que boa sobre os outros, atraindo força, coragem e paciência da oração que praticavas todos os dias. Uma fé grande e clara que brilhava no teu rosto. Um desejo de servir, fazer tudo bem e fazer bem tudo. Para mim, você esteve, especialmente naqueles anos no Quênia, como uma boa irmã, sempre disponível, sempre disposta a ajudar, aconselhar, guiar e considerar a mim e aos seminaristas com a mesma atenção que dedicavas às tuas formandas. Só Deus sabe quanta gratidão devo a ti e se há uma coisa que me conforta e me impede de chorar é saber com certeza humana, mas, no entanto, com certeza, que me ajudarás ainda mais lá em cima.

Reposa em paz querida irmã e Deus te concenda glória, prémio e alegria no seu reino.